

Capítulo 7

## **DAS CAIPIVODCAS ÀS CAIPITOURS**

um estudo sobre o *splinter caipi-* à luz da Morfologia Construcional

*Carlos Alexandre Gonçalves  
e Marcelo Rodrigues Affonso Júnior*

### **PALAVRAS INICIAIS**

O presente capítulo tem o objetivo de analisar a consolidação do formativo caipi- como *splinter* produtivo no português brasileiro contemporâneo. Para tanto, passamos, em primeiro lugar, por uma revisão do que a literatura recente em morfologia interpreta e classifica como *splinter*. Depois de revisitar alguns autores que abordam a unidade morfológica em questão, pretendemos descrever a partícula caipi-, trazendo, antes, um breve registro de sua etimologia. Na sequência, justificamos que essa unidade constitui herança por subparte (GOLDBERG, 1995) da matriz lexical “caipirinha”, compactando, na forma, o significado da base. Logo após, observando os usos de caipi-, propomos o esquema relevante e o tipo de

relação com suas instâncias específicas, bem ao estilo da Morfologia Construcional (MC). (BOOIJ, 2005, 2010)

O texto intenta apontar as particularidades das combinações com o formativo em questão, pois os produtos podem remeter a um ingrediente diferente do usual, seja a bebida alcoólica (“caipi-saquê”, “caipi-vodka”), seja a fruta (“caipi-morango”, “caipi-kiwi”),<sup>1</sup> o que ativa um *frame* diferente do de “caipirinha”, cujos ingredientes são, originalmente, cachaça, açúcar e limão. Além disso, podem evocar uma cena de que da bebida faz parte, como em “caipi-tour”, *drink* geralmente servido nos passeios (*tours*) de barco pela Região dos Lagos, no estado do Rio de Janeiro (por exemplo, em Búzios e Arraial do Cabo). Para concluir, observamos que, na análise de caipi-X, é fundamental a noção de ajuste focal (LANGACKER, 1987), o que, no nosso entendimento, constitui mais uma noção da Linguística Cognitiva (LC) que pode ser explorada pela MC no polo semântico das formações lexicais.

Os dados aqui apresentados foram cooptados a partir de duas redes sociais: o Twitter e o Facebook. Também foram rastreados de notícias publicadas em formato digital em *blogs*. Ao todo, contamos com 32 dados, sendo 24 retirados do Twitter, seis trazidos do Facebook e outros dois de manchetes de notícias ou *blogs* (de que trataremos por “retirados de *blogs*” apenas para fins de simplificação da referência).

Para recolher os dados nas redes sociais Twitter e Facebook, digitamos, na barra de buscas, o *splinter* caipi-. A partir daí, o trabalho consistiu em recrutar cada ocorrência que se mostrasse compatível com o formato aqui investigado, isto é, que apresentasse a partícula caipi-, em sua construção, acrescida de outro elemento. Ao digitar, por exemplo, “caipi” na barra de buscas do Twitter, se nos deparamos com um dado como “caipi-uva”, coletamos essa forma, tirando uma captura de tela da postagem e guardamos o *link* através do qual poderíamos

---

1 Os hífens, aqui, representam fronteira morfológica, independentemente de as palavras serem atualmente escritas sem esse sinal gráfico. Fazemos isso não apenas com caipi-, mas com outras formações que eventualmente aparecem no texto.

posteriormente acessá-lo. Quanto aos dados retirados de *blogs*, explicitamos ter havido recolha randômica para agregar tais ocorrências, ou seja, os dois dados retirados dessas fontes foram encontrados enquanto líamos determinada matéria ou notícia. Foram, então, recrutados por atenderem às demandas da construção em análise.

## **SOBRE A NATUREZA DOS *SPLINTERS***

A fim de propor uma definição das unidades morfológicas denominadas *splinters*, esta parte do trabalho é dedicada à revisão do que os autores entendem como membro de tal categoria. Justamente porque há, entre os linguistas, alguma divergência na classificação dos processos de formação de palavras envolvendo essas partículas (TOMASZEWICZ, 2008), pretendemos dar o devido enfoque às propostas que concebem os *splinters* como unidades com estatuto próprio nas línguas naturais, não considerando instanciações como “caipi-fruta” ou “caipi-lima” como cruzamentos de cruzamentos, mas como criações em série da forma inicial, já morfologizada,<sup>2</sup> caipi-

De Berman (1961) a Adams (1973), o termo *splinter* foi inicialmente atribuído a partes arbitrárias, sobretudo de cruzamentos vocabulares, como “brasi-guaio”, com um *splinter* final e um inicial, embora truncamentos não morfêmicos<sup>3</sup> também pudessem receber esse rótulo (FANDRICH, 2008), a exemplo dos nossos “refri” (de “refrigerante”) e “biju” (de “bijuteria”).

Gonçalves (2013, p. 141) nos mostra que até a década de 1990, “[...] a maior parte da literatura sobre os *blends* apresenta uma concepção linear das representações morfológicas e, por isso mesmo, interpreta

---

2 Definimos morfologização como o processo pelo qual estruturas linguísticas, antes pertencentes a outro domínio da gramática, neste caso o léxico, tornam-se parte do sistema morfológico da língua. (JOSEPH, 2003, p. 472)

3 Encurtamentos efetuados sobre sequências fônicas que não correspondem a unidades da Morfologia, como prefixos e radicais presos.

construções como ‘chafé’ como constituídas da combinação da palavra ‘chá’ com a parte final da palavra ‘café’”. Da mesma maneira, “boilarina” é vista como composta da base “boi” seguida de -larina, uma parte não morfêmica da palavra “bailarina”, como descreve Sandmann (1989).<sup>4</sup> A esse respeito, vale a pena destacar, em (01), a seguir, alguns excertos reunidos em Gonçalves (2013, p. 141) sobre essa concepção aglutinativa dos cruzamentos na literatura fora da esfera não concatenativa:

(01) “Às palavras que contêm splinters chamarei de blends”.  
(ADAMS, 1973, p. 142)

“Blends combinam dois splinters ou um splinter e uma palavra”.  
(ALGEO, 1991, p. 56)

Essa situação não modificou muito até o final do século passado, época em que os processos não concatenativos começaram a ganhar destaque nas abordagens em *Prosodic Morphology* (MCCARTHY; PRINCE, 1986) e na Teoria da Otimalidade (TO), mais especificamente na chamada Teoria da Correspondência (MCCARTHY; PRINCE, 1995), extensão necessária da TO para o tratamento de fenômenos de interface morfologia-fonologia. No entanto, sem medo de errar, podemos atribuir a Laurie Bauer, eminente morfólogo neozelandês, a concepção que hoje se tem dos *splinters*. Num texto de 1999, ao analisar as restrições à produtividade lexical dos sufixos em inglês, ele já emprega o termo com esse sentido (BAUER, 1988) e retoma no trabalho de 1998. No seu *Glossary of morphology*, oferece a definição hoje clássica, pois, ao assumir o mecanismo de reanálise – reestruturação da palavra devido a mecanismos de várias naturezas –, mostra que é a

---

4 Com todos os méritos possíveis, esse autor foi o primeiro, no Brasil, a chamar atenção para o fenômeno do cruzamento vocabular, dedicando a ele bom espaço em seu clássico *Morfologia derivacional* (1989), mas também no resultado de sua tese, publicado em 1985. (SANDMANN, 1989)

recorrência que faz de partes de cruzamentos e truncamentos “morfemas de direito”. (BAUER, 2004, p. 77)

No texto de 2005, volta a enfatizar que “por splinter entendo um fragmento de palavra usado *repetidamente* na formação de novas palavras”. (BAUER, 2005, p. 105, grifo nosso) Vários autores seguem a orientação de Bauer e empregam o termo com o mesmo valor. Dentre eles, destacamos Booij (2005), Chung (2009) e Fandrich (2008). O próprio Bauer ganha um capítulo no conceituadíssimo periódico *Encyclopedia of Language and Linguistics* para descrever exclusivamente essa unidade. Volta a se posicionar sobre tal constituinte morfológico usando os seguintes termos:

Um splinter é uma parte de uma palavra que, devido a alguma reanálise da estrutura da palavra original, é interpretada como significativa e, posteriormente, usada na criação de novas palavras. O *búrguer* em *cheese-búrguer*, o *-aholic* em *spendaholic*, os *-(n)omics* em *Reaga-nomics* e até mesmo o *-x* final em *Kleenex* podem ser vistos como splinters. (BAUER, 2007, p. 77, grifos do autor)

Como a ciência não se faz de crenças, alguns autores não concordaram com Bauer e seus discípulos e procuraram demonstrar que *splinter* não constitui um primitivo morfológico, sendo tão somente encontrado em cruzamentos de cruzamentos. (TOMAZEWICZ, 2008) Embora a autora consiga comprovar a tese para os dados do inglês que analisou, Gonçalves, Carvalho e Andrade (2016) se valem da mesma base teórica – a TO – e chegam a um resultado totalmente contrário ao de Tomazewicz (2008): a hierarquia de restrições válida para cruzamentos (ANDRADE, 2008; GONÇALVES, 2003) não consegue acolher formações com os *splinters* piri- (“piri-prima”, “piri-crente”) e -guete (“vovó-guete”, “coro-guete”). Concluem os autores que, pelo menos em português, deve ser mantida a diferença entre cruzamentos vocabulares e formações com *splinters*, pois as primeiras são criações mais isoladas, ao contrário das últimas, que apresentam uma unidade

recorrente numa das margens da palavra. Fora da esfera da TO, muitos autores também defendem a existência de *splinters*.

De acordo com Bauer, Lieber e Plag (2013, p. 519), *splinters* pertencem à morfologia paradigmática, em que são usados para formar novas palavras que têm algum tipo de ressonância ou semelhança com outras palavras no léxico. Como lembra Mattiello (2016), esses autores definem *splinters* como “porções originalmente (principalmente) não morfêmicas de uma palavra que foram separadas e usadas na formação de novas palavras com um novo significado específico”. (BAUER; LIEBER; PLAG, 2013, p. 525) Segundo Mattiello (2017), o processo que ocorre nesse tipo de formação de palavras é uma “substituição paradigmática”. Em outras palavras, “Monicagate originou-se da substituição de um primeiro nome na proporção analógica Billy (Carter): Billygate = Monica (Lewinsky): X (X = Monicagate)”. (MATTIELO, 2017, p. 10) Como esses autores, assumimos que a analogia não é um fenômeno estritamente local, mas pode dar origem a séries produtivas e, quando pedaços de palavras se tornam recorrentes na criação de novas palavras, não há nada que possa retirar deles o estatuto de morfema.

Na próxima seção, abordamos a forma “caipirinha” desde sua entrada na língua, analisando sua estrutura interna e seus significados. Na sequência, passamos à análise construcional das formas complexas com caipi- na primeira posição.

## CAIPIRINHA É CAIPIRA NO DIMINUTIVO?

Para tentarmos compreender a extração de caipi- da formação original, voltar-nos-emos à investigação da origem de tal formação, “caipirinha”. Recorrendo a dicionários etimológicos – como o *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, de A. G. Cunha, 2010 –, podemos encontrar explicações interessantes para o surgimento dessa construção morfológica com sufixo de grau diminutivo. Além das obras de natureza etimológica, foram consultadas fontes populares para rastreamos a possível origem do termo. Uma delas, a Bebida Express

(CONHEÇA..., 2013), afirma que o *drink* foi uma encomenda de fazendeiros do interior do estado de São Paulo para substituir as bebidas ordinariamente consumidas. O mesmo *site* sugere, ainda, que a bebida surgiu de uma combinação antes utilizada como remédio para tratar a gripe espanhola (na receita, estariam os ingredientes limão, mel e alho). A introdução da cachaça deu-se justamente por conta de um hábito da época: era bastante comum colocar um pouquinho de álcool em todo remédio caseiro, a fim de acelerar o efeito terapêutico. (BEAUREPAIRE-ROHAN, 1889, p. 120) A partir daí, acredita-se na popularização do que antes era bebida medicinal em bebida comum.

No *Dicionário de vocábulos brasileiros*, publicado pelo Visconde de Beaurepaire-Rohan em 1889, “caipira” “era o termo paulista que designava ‘habitante do campo’ e mesmo a origem desta palavra [...] sendo obscura [...] aparentemente originou-se do Tupi de ‘caipora’ ou ‘curupira’”. (BEAUREPAIRE-ROHAN, 1889, p. 123) Hoje, os chamados “caipiras”, isentando-nos de qualquer acepção preconceituosa que essa forma linguística possa apresentar, concentram-se numa área geográfica que compreende o sul de Minas Gerais, o interior de São Paulo, o sul de Goiás e o norte do Paraná. (CAIPIRA, [2020] Outra hipótese para a origem da bebida, também levantada pelo Bebida Express, é o nome “caipirinha” estar relacionado com os consumidores. Se provavelmente eram pessoas do interior que consumiam a bebida, podemos assumir, segundo a fonte em questão, que a “caipirinha” era sua bebida, a dos chamados “caipiras”.

A formação com o diminutivo feminino é particularidade de -inho, em detrimento de -zinho, que preserva a vogal temática da base, embora tanto base como produtos sejam formas sem gênero inerente (ou comuns de dois, na tradição gramatical). Considerando o complexo morfológico “caipirinha”, resultado da adjunção do sufixo diminutivo ao nome “caipira”, “caipir+inha”, em que a base é caipir-, percebe-se de imediato a modificação no sentido original, já que essa formação destoa do significado dos demais itens lexicais com caipir-, ainda que possa ser utilizada expressivamente, ainda hoje, em relação aos mora-

dores do interior. Em todos os casos, a função primordial é a atitudinal, nos termos de Gonçalves (2003), uma vez que há um claro juízo de valor por parte do emissor:

(02)	capir+ão	“muito caipira”
	caipir+ada	“grupo de caipiras”
	caipir+ice	“qualidade de quem age como caipira”
	caipir+íssimo	“caipira ao extremo”

Considerando o nome da bebida, há um claro caso de lexicalização da palavra original, muito embora Basilio (2004) admita que os afixos de grau também tenham função de rotulação/nomeação. Ela, no entanto, se refere a casos como “tesourinha” e “docinho”, para diminutivos, e “calçadão” e “empadão”, para aumentativos, em que a relação com a base é bem mais óbvia. De acordo com Gonçalves (2011, p. 41), na lexicalização semântica, complexos morfológicos deixam de ser “[...] interpretados pela soma dos significados de suas partes, uma vez que o acréscimo de um afixo pode levar a opacificações de sentido e em proveito da nomeação/rotulação”.

“Caipirinha” deixa de designar “[p]essoa que nasceu ou mora na roça ou em ambientes rurais e que comumente trabalha em serviços de lavoura de subsistência no Sudeste ou Centro-Oeste brasileiros, em especial no interior de São Paulo [...]” (CAIPIRA, 2016), para ser usada em referência a uma “[b]ebida muito popular em todo o Brasil, feita com rodela de limão galego com casca, maceradas, misturadas ou batidas com aguardente de cana, açúcar e gelo” (CAIPIRINHA, 2016), ou, ainda, a “qualquer outra bebida preparada de modo semelhante, substituindo-se o limão por outra fruta, como maracujá, pêssego, laranja etc., e a aguardente por rum, saquê ou vodca”. (CAIPIRINHA, 2016)

A partir do momento em que constatamos que a formação, antes sufixada, passou por mudança de sentido, confirmamos o processo de lexicalização. Desse modo, “caipirinha” se desvencilha de “caipira”,

assumindo um significado mais holístico, não composicional, cuja interpretação não necessariamente perpassa pela base. A metonímia é certamente a habilidade cognitiva ora em jogo, pois o nativo passa a designar o usuário/consumidor para, posteriormente, nomear o objeto consumido, como na Figura 1, a seguir:

Figura 1 – A metonímia nas extensões semânticas de “caipirinha”

Natural ou morador de ambientes rurais ROCEIRO	▼→	Aquele que bebe cachaça mistura com limão CONSUMIDOR	▼→	Bebida feita de limão com cachaça DRINK
---	----	---	----	--

Fonte: elaborada pelos autores.

Depois desse processo, a bebida se popularizou no Brasil, sendo um dos coquetéis mais consumidos no país. Caiu tanto no gosto popular que ganhou projeção no mundo, como mostra a matéria a seguir, do jornal *Globo Rural*, cujo título é “Brasil, o país da caipirinha”. Na matéria, ressalta-se que, em 2003, a caipirinha completou 100 anos e só então foi reconhecida como patrimônio brasileiro:

**Quadro 1 – País da caipirinha, Brasil exportou mais limão e cachaça em 2017**

**País da caipirinha, Brasil exportou mais limão e cachaça em 2017**

Bebida que segundo historiadores completa 100 anos este ano só foi reconhecida como patrimônio brasileiro em 2003

[...] O volume de limão exportado pelo Brasil cresceu 30% em 2017 em relação a 2016. A grande maioria vai para a União Europeia. Das 9,7 mil toneladas exportadas pelo Brasil no ano passado, cerca de 8,8 mil toneladas, ou 90%, foram para países europeus. Somente para o continente europeu, a exportação aumentou 39% em 2017 em relação a 2016. O faturamento total das vendas externas brasileiras com a fruta foi de cerca de US\$ 7 milhões.

A exportação de cachaça também tem aumentado. Foram 8,961 milhões de litros em 2017. O faturamento de US\$ 15,8 milhões representa um aumento de 13% em relação ano anterior. A Alemanha foi o principal mercado, com cerca de 1,8 milhão de litros (20% do total). Os dados são da Secretaria de Comércio Exterior (Secex).

Fonte: (PAÍS..., 2018).

Nessa mesma matéria, cogita-se a hipótese de a caipirinha ter surgido em Piracicaba. As histórias que explicam a origem do *drink*, porém, variam bastante, como vimos: desde remédio a consumidores interioranos desse composto à base de aguardente e limão. O consumo de cachaça é tão comum no interior que nomeia uma tradicional marca de aguardente: “caninha caipirense”.

Outra explicação, desta feita mais glamorosa, sugere que os fazendeiros da região de Piracicaba (SIMÕES, 2002)

[...] buscavam um drinque para suas festas e eventos que pudesse representar a cultura canavieira do local. Segundo essa versão, a caipirinha era vista, na época, como uma bebida de boa qualidade que tinha potencial para substituir os uísques e vinhos importados.

Em resumo, qualquer que seja a origem do termo, tem-se uma metonímia atuando na formação diminutiva, pois a palavra original, “caipirinha”, não foi primeiramente usada em referência à bebida. Passemos, a seguir, a focalizar as novas criações lexicais a partir do nome da bebida.

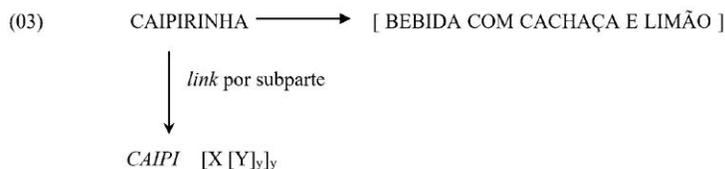
## NOVOS USOS ASSOCIADOS À “CAIPIRINHA”

Formações complexas menos interessantes para nós são aquelas que se valem da base caipir- como um todo, a exemplo de “caipiríssima”, em princípio um superlativo. Também chamada de “rumpirão” (CAIPIRISSIMA, 2020), “caipiríssima” é um coquetel variante da tradicional caipirinha feita com rum em vez de cachaça. Talvez essa tenha sido uma das primeiras modificações nos ingredientes desse “drink made in Brazil”.

Novas formações surgiram em função da combinação da típica caipirinha com outras frutas, em variação face ao limão, ingrediente típico do *drink*. A partir daí, podem ter sido criadas construções com caipi-, parte da raiz original caipir-. Aberta essa possibilidade, com o

não aproveitamento do rótico, [r] cunham-se bebidas semelhantes à tradicional “caipirinha”, mas com um ou outro ingrediente diferente.

Do ponto de vista construcional, temos uma construção por subparte, representada conforme em (03), a seguir:



Caipi- é, literalmente, uma porção (não morfêmica) da palavra “caipirinha” e herda da construção-mãe não apenas o significado, como, também, sua representação fonológica, compactando a forma original. De acordo com Gonçalves e Almeida (2014, p. 178, grifo nosso), em morfologia, uma herança por subparte

ocorre quando uma construção é parte constituinte de outra, como em ‘homo’, ressemantizada a partir de ‘homossexual’, passando essa informação em ‘homofobia’ e ‘homoafetivo’, diferente do significado do nó mais alto – *igual, o mesmo*.

Essa compactação permite aos falantes reconhecer, sem dificuldade, a construção caipi-X como ativadora de algum um *frame* relacionado à típica bebida brasileira, pois preserva uma porção prosódica bastante saliente do ponto de vista da percepção linguística (BECKMANN, 1998): a borda esquerda da palavra. Ao não preservar o rótico, marca-se a diferença entre a unidade recém-criada e o radical de “caipira”, já bastante dissociado do nome da bebida. Desse modo, caipi- se conforma à estrutura morfoprosódica dos demais *splinters* do português brasileiro: um troqueu silábico, como se vê em (04), representação na qual o asterisco marca a sílaba dominante e o ponto, a dominada. Os exemplos a seguir confirmam que os *splinters*

são maciçamente dissílabos paroxítonos (ANDRADE, 2013), quer se posicionem à esquerda (04a), quer à direita (04b):

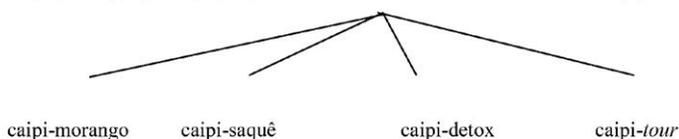
(04)	a.	(* .)	b.	(* .)
		choco-		-drasta
		info-		-nejo
		euro-		-nese
		piri-		-guete

Resumindo, a trajetória de morfologização de caipi- passou pelos seguintes estágios: (a) reanálise de uma parte não morfêmica da palavra original lexicalizada por metonímia; (b) atribuição de significado a essa parte via herança por subparte; (c) recorrência na criação de novas palavras (o que implica produtividade). A formação em série é característica dos afixos, embora haja padrões de composição tão bem estabelecidos como os da derivação. (BOOIJ, 2007; SIMÕES NETO, 2019) Em primeiro lugar, julgamos mais prudente inserir as formações caipi-X no esquema da prefixação (BOOIJ, 2005), como fizemos em (03). Tal escolha se deveu ao fato de, aproveitando as palavras da *Concise Encyclopedia of Semantics* (2009), extraídas de Nordquist (2020), *splinters* serem “[...] formalmente idênticos a truncamentos, mas os truncamentos funcionam como palavras inteiras, enquanto os splinters não”. (NORDQUIST, 2020, p. 1) Dito de outra maneira, caipi- não constitui forma livre, pois não é pronunciado em isolamento. No entanto, ao instanciar novas unidades, a formação caipi- não se ajusta muito bem ao esquema da prefixação, pois, nesse caso, Y tem de ser categorialmente etiquetado, mas nem sempre responde pela classe do produto (na prefixação base e produto são da mesma classe). Desse modo, as novas construções *caipi-X* conformam-se mais ao esquema da composição, em que a cabeça fica à esquerda e atribui gênero. Essa imprecisão mostra o quão difícil é categorizar os processos de

formação de palavras, uma vez que são tênues as fronteiras entre eles. (GONÇALVES, 2011)

De fato, os dados em (05), a seguir, evidenciam que caipi- é sempre cabeça semântica porque ativa o *frame* do *drink*, ainda que esse *drink* não seja mais “caipirinha”, pois, para os especialistas no assunto, caipirinha mesmo “é feita com cachaça, limão taiti (aquele verdinho e que não se descasca), açúcar e gelo”. Como vimos, em 2003, a presidência da República baixou um decreto para assim definir tecnicamente a mais genuína bebida alcoólica brasileira: “caipirinha é a bebida típica brasileira, com graduação alcoólica de quinze a trinta e seis por cento em volume, a vinte graus Celsius, obtida exclusivamente com cachaça, acrescida de limão e açúcar”. O esquema a seguir representa as novas formações caipi-X:

(05) < [caipi X<sub>N</sub>] N<sub>j</sub> ↔ [SEM DE X ENVOLVIDA NA SEM DE caipi(rinha)]<sub>j</sub> >



As formações em (05) de algum modo evocam a tradicional “caipirinha”, mas fazem um ajuste focal (LANGACKER, 1987) no *drink*, ao alterar, sobretudo, a cor, em função da troca da fruta, pois, por exemplo, uma “caipi-melancia” pode ser feita com vodka. Desse modo, o primeiro grupo instanciado pelo esquema em (05) focaliza a fruta utilizada e o coquetel é alterado em seu aspecto quase sempre pela cor, como se vê na Figura 3, seguinte aos exemplos. Outros dados são listados em (06), a seguir, ainda que a lista não seja exaustiva:

(06) Caipi-uva<sup>5</sup>

5 Disponível em: <https://twitter.com/papiatadiniz/status/1315068875667574785?s=19>. Acesso em: 25 set. 2019.

Caipi-kiwi<sup>6</sup>Caipi-siriguela<sup>7</sup>Caipi-morango<sup>8</sup>Caipi-lima da Pérsia<sup>9</sup>Caipi-fruta<sup>10</sup>

O grupo mais aberto de instâncias é o segundo no esquema em (05). Nesse caso, altera-se a bebida alcoólica, preservando-se o aspecto original da “caipirinha”, ilustrado logo a seguir, mas a focalização passa a ser no ingrediente alcoólico do *drink*. Em todos os casos aqui analisados, a função dominante é a rotulação, pois se cria um novo nome para se referir a uma entidade que mescla propriedades de pelo menos duas outras. A base à direita guia a interpretação, fazendo com que o produto tenha leitura mais composicional:

(07) Caipi-vodka<sup>11</sup>Caipi-whisky<sup>12</sup>


---

6 Disponível em: <https://twitter.com/JuMGarcia/status/4761231898?s=19>. Acesso em: 25 set. 2019.

7 Disponível em: <https://twitter.com/ManoJuOliveira1/status/1311833229247348739?s=19>. Acesso em: 20 nov. 2020.

8 Disponível em: <https://twitter.com/jonesdrinks/status/805978373042237440?s=19>. Acesso em: 25 set. 2020.

9 Disponível em: <https://twitter.com/CaicaraRest/status/592116524841832448?s=19>. Acesso em: 25 set. 2019.

10 Disponível em: <https://twitter.com/RaaySouza99/status/1329619415508377602?s=20>. Acesso em: 20 nov. 2020.

11 Disponível em: <https://twitter.com/heysilvahh/status/1328326086393032705?s=20>. Acesso em: 20 nov. 2020.

12 Disponível em: <https://twitter.com/transfono/status/1032778452141785088?s=19>. Acesso em: 25 set. 2019.

Caipi-sakê<sup>13</sup>

Caipi-vinho<sup>14</sup>

Caipi-Orloff<sup>15</sup>

Caipi-suco<sup>16</sup>

O terceiro grupo de formações sinalizado na representação em (05) altera bem mais as propriedades da tradicional “caipirinha”, deixando os produtos menos composicionais por requererem um contexto maior para sua interpretação. A bebida, nesses casos, fica mais descaracterizada, ainda que a ela se evoque por conta da alta transparência de caipi-:

- |      |             |  |
|------|-------------|--|
| (08) | caipi-hot   | “caipirinha feita com algum ingrediente ao qual se atribui uma característica tropical, quente”. <sup>17</sup> |
|      | caipi-black | “caipirinha de cor escura”. <sup>18</sup>  |

---

13 Disponível em: <https://www.facebook.com/yakanbh/photos/a.269548183152208/1385465781560437/>. Acesso em: 25 set. 2019.

14 Disponível em: <https://twitter.com/brusssouza/status/1308231740406878209?s=19>. Acesso em: 20 nov. 2020.

15 Disponível em: <https://twitter.com/iwanttorockBH/status/24707091214?s=19>. Acesso em: 25 set. 2019.

16 Disponível em: <https://twitter.com/Vitorhugo0203/status/978973387900022789?s=19>. Acesso em: 25 set. 2019.

17 Disponível em: <https://twitter.com/manekinekosushi/status/99560828117848064?s=19>. Acesso em: 25 set. 2019.

18 Disponível em: <https://twitter.com/blackjackbarvv/status/1322560448496099330?s=19>. Acesso em: 20 nov. 2020.

caipi-silvestre	“caipirinha cuja cor é diferenciada da comum e cujos ingredientes, principalmente as frutas, são consideradas mais exóticos”. <sup>19</sup>
caipi-detox	“caipirinha cuja função seria assemelhada a de uma receita desintoxicante”. <sup>20</sup>

Tomemos como exemplo “caipi-detox”. Falantes do português sabem que a palavra “detox” remete a algo que serve para desintoxicar o organismo, fazendo, por exemplo, com que o metabolismo acelere e se perca peso mais rapidamente. Não é por acaso que essa forma recém-emprestada do inglês se combine com palavras relacionadas a dietas: “sopa-detox”, “suco-detox”, “vitamina-detox” etc. A adjunção a caipi-, por outro lado, parece contraditória, uma vez que nosso conhecimento de mundo abarca a ideia de que essa bebida é bastante calórica, sobretudo porque leva açúcar e álcool. O uso de “detox” minimiza o valor calórico do *drink* ao associá-lo a ingredientes com propriedades antioxidantes e diuréticas (couve, aipo, gengibre etc.). Novamente há um ajuste focal na interpretação dos produtos:

Um último conjunto de formas caipi-X diz respeito aos locais/eventos com que a “caipirinha” está associada: ora são nomes comerciais especializados na venda da bebida (“caipi-Rick”), ora festas tradicionais para apreciadores do *drink* (“caipi-One”), ora aos amantes do coquetel (“caipi-lovers”). Novamente aqui, a composicionalidade não é tão clara, sobretudo para os que não estão familiarizados com esse domínio conceptual:

---

19 Disponível em: <https://www.facebook.com/aquelebar/posts/1736654309975609>. Acesso em: 25 set. 2019.

20 Disponível em: <https://www.caipirinhaprendada.com.br/receita/caip-detox/>. Acesso em: 25 set. 2019.

- (09) caipi-Rick “caipirinha associada ao estabelecimento em que é servida, *Rick*”.<sup>21</sup>
- Caipi-One “caipirinha associada à festa em que é servida”.<sup>22</sup>
- Caipi-lovers “nome dado àqueles que se identificam como grandes consumidores do *drink*”.<sup>23</sup>
- Caipi-tour “caipirinha associada ao passeio de barco na Região dos Lagos do Rio de Janeiro, durante o qual é servida”.<sup>24</sup>

Os dados em (09) pressupõem metonímia: a “caipirinha”, tradicional ou modificada, é a parte de um todo. A título de exemplificação, considere-se a formação “caipi-tour”, um *tour* – passeio turístico – em que a bebida é oferecida livremente aos turistas. Essa construção é muito comum na Região dos Lagos do estado do Rio de Janeiro, pois os passeios de barco tradicionalmente servem o coquetel à vontade aos passageiros.

Não foi proposital deixarmos para o final uma das mais antigas formações lexicais advindas do outrora diminutivo de “caipira”: “caipirosca”.

## HIPÓTESES SOBRE A CRIAÇÃO “CAIPIROSKA”: PALAVRAS FINAIS

Para além das formações apresentadas, a busca pelos dados revelou, como acabamos de apontar, um dado que em princípio foge aos pro-

21 Disponível em: <https://www.facebook.com/caipirick/photos/a.1228746687145347/3321778087842186/?type=3&scmts=scwspsdd>. Acesso em: 25 set. 2019.

22 Disponível em: <https://www.facebook.com/984853298217743/photos/a.984865841549822/1263668987002838/>. Acesso em: 25 set. 2019.

23 Disponível em: <https://twitter.com/lullilucena/status/711586019691331585?s=19>. Acesso em: 25 set. 2019.

24 Disponível em: [https://twitter.com/hgo\\_skt/status/968120333315297281?s=19](https://twitter.com/hgo_skt/status/968120333315297281?s=19). Acesso em: 25 set. 2019.

cessos descritos. Na contramão das novas formações com caipi-, caipi-roska/caipi-rosca preserva o rótico ou agrega uma forma, -roska, que se inicia por [r]. Essa formação não é tão transparente do ponto de vista de uma análise composicional, já que -oska não traz consigo algum significado que leve o usuário da língua à compreensão de toda a formação.

Tais características despertaram algumas hipóteses para a formação “caipir-oska”. Partido da ideia de que o ingrediente diferente da receita pode ter inspirado o nome da bebida, descobrimos que a “caipi-roska” é, na verdade, uma “caipi-vodka” (é a vodka que substitui a cachaça). Reconhecendo, também, a vodka como uma tradicional bebida polonesa e russa, podemos inferir que essa formação substitui o diminutivo português -inho pelo diminutivo russo -oska, numa clara analogia com outras palavras dessa língua, a exemplo de “matrioska” (“mãezinha”). Se assim o for, o conceptualizador realmente fez uma belíssima reanálise morfológica, criando uma forma híbrida que remete à Rússia e, por sua vez, à bebida alcoólica mais tradicional do país, numa clara metonímia.

Essa reunião de informações leva-nos a concluir que a hipótese mais forte para a formação “caipi-roska” tenha sido o aproveitamento de -oska como forma de evocar a Rússia (CAIPIROSKA, 2020) e, conseqüentemente, a vodka. Por outro lado, -roska, pronunciada com o tepe, [r], no início de palavra e violando uma regra fonotática da língua, vem sendo empregado como forma livre, o que se observa numa breve busca no Google, que retorna aproximadamente 2.760.000, a maioria de receitas dessa bebida. Em vídeos, confirmamos a produção com o tepe inicial, mas isso é assunto para outras conversas, preferencialmente regadas à caipirinha, caipi-saquê ou caipiroska.

## REFERÊNCIAS

ADAMS, V. *An Introduction to Modern English Word-Formation*. London: Longman, 1973.

- ALGEO, J. (ed.). *Fifty years among the new words: a dictionary of neologisms*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- ANDRADE, K. E. *Proposta de continuum composição-derivação para o português do Brasil*. 2013. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- ANDRADE, K. E. *Uma análise otimalista unificada para mesclas lexicais do português do Brasil*. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- BASILIO, M. *Formação e classe de palavras*. São Paulo: Contexto, 2004.
- BAUER, L. The borderline between derivation and compounding. In: DRESSLER, W. U. et al. (ed.). *Morphology and its demarcations*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2005. p. 79-93.
- BAUER, L. Is there a class of neoclassical compounds, and if so, is it productive? *Linguistics*, [s. l.], v. 36, n. 3, p. 403-422, 1998.
- BAUER, L. *A Glossary of Morphology*. Washington: Georgetown University Press, 2004.
- BAUER, L. *Introducing Linguistic Morphology*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1988.
- BAUER, L. Splinters. In: BROWN, K. (ed.). *Encyclopedia of Language and Linguistics*. Amsterdam: Elsevier, 2007, v. 12, p. 77-78.
- BAUER, L.; LIEBER, R.; PLAG, I. *The Oxford reference guide to English morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- BEAUREPAIRE-ROHAN, H. de. *Dicionário de vocábulos brasileiros*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1889.
- BECKMAN, J. N. *Positional faithfulness*. 1998. Dissertação (Doutorado em Filosofia) – Graduate School of the University of Massachusetts, Amherst, 1998.
- BERMAN, J. M. Contribution on Blending. *Zeitschrift für Anglistik und Amerikanistik*, Germanh, ano 9, p. 278-281, 1961.
- BOOIJ, G. E. *Construction Morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- BOOIJ, G. E. *The Grammar of Words: An Introduction to Linguistic Morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

CAIPIRA. In: MICHAELIS. São Paulo, 2016. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/caipira>. Acesso em: 20 nov. 2020.

CAIPIRA. In: WIKIPEDIA: the free encyclopedia. [San Francisco: Wikimedia Foundation, 2020]. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Caipira>. Acesso em: 20 nov. 2020.

CAIPIRINHA. In: MICHAELIS. São Paulo, 2016. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/caipirinha>. Acesso em: 20 nov. 2020.

CAIPIRISSIMA. In: WIKIPEDIA: the free encyclopedia. [San Francisco: Wikimedia Foundation, 2020]. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Caipirissima#cite\\_note-1](https://pt.wikipedia.org/wiki/Caipirissima#cite_note-1). Acesso em: 20 nov. 2020.

CAIPIROSKA. In: *Educalingo*. [S. l.], 2020. Disponível em: <https://educalingo.com/pt/dic-en/caipiroska>. Acesso em: 20 nov. 2020.

CHUNG, K. S. *Putting Blends in their Place*. Slovakia: Universidade P. J. Šafárik, Košice, 2009.

CONHEÇA a origem da nossa amada caipirinha. In: *Bebida Express*. [S. l.], 2013. Disponível em: <http://www.bebidaexpressblog.com.br/cachacas/conheca-origem-amada-caipirinha>. Acesso em: 20 set. 2019.

CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

FANDRYCH, I. Submorphemic Elements in the Formation of Acronyms, Blends and Clippings. *Lexis: Journal in English Lexicology*, Lyon, v. 2, p. 132-147, 2008.

GOLDBERG, A. E. *A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GONÇALVES, C. A. "Na sextaneja com a caipifruta da mãedrastra": o estatuto morfológico dos splinters no português brasileiro contemporâneo. *Diadorim*, Rio de Janeiro, p. 139-158, 2013. Número especial.

GONÇALVES, C. A. Atuais tendências em formação de palavras no português brasileiro. *SIGNUM: Estudos da Linguagem*, Londrina, v. 15, n. 1, p. 169-199, jun. 2012.

GONÇALVES, C. A. Paitrocínio, tecno-macumba, maridoteca: o comportamento das formas combinatórias no português do Brasil. *Revista da ABRALIN*, Curitiba, v. 10, n. 2, p. 67-90, jul./dez. 2011.

GONÇALVES, C. A. Blends lexicais em português: não-concatenatividade e correspondência. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 7, n. 1, p. 149-167, 2003.

GONÇALVES, C. A. V.; ALMEIDA, M. L. L. de. Morfologia construcional: principais ideias, aplicação ao português e extensões necessárias. *Alfa*, São Paulo, v. 58, n. 1, p. 165-193, 2014.

GONÇALVES, C. A.; CARVALHO, W. B. de; ANDRADE, K. E. Splinters são cruzamentos de cruzamentos? Repensando o estatuto desse constituinte em português. *Revista do GEL*, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 132-156, 2016.

JOSEPH, B. D. Morphologization from syntax. In: JOSEPH, B.; JANDA, R. (ed.). *Handbook of Historical Linguistics*. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2003.

LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar*. Stanford: Stanford University Press, 1987.

MATTIELLO, E. Analogical neologisms in English. *Italian Journal of Linguistics*, [s. l.], v. 28, n. 2, p. 103-142, 2016.

MATTIELLO, E. *Analogy in word-formation: a study of English neologisms and occasionalisms*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2017.

McCARTHY, J. J.; PRINCE, A. S. *Faithfulness and reduplicative identity*. Rutgers: Rutgers University, 1995.

McCARTHY, J. J.; PRINCE, A. S. *Prosodic Morphology*. Amherst: University of Massachusetts: Brandeis University, 1986.

MICHAELIS. *Dicionário brasileiro da língua portuguesa*. [S. l.: s. n.], 2016.

NORDQUIST, R. *Understanding Splinter Words in English Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2020.

PAÍS da caipirinha, Brasil exportou mais limão e cachaça em 2017. In: Gobo-Rural. [S. l.], 29 jan. 2018. Disponível em: <https://revistagloborural.globo.com/Noticias/Cultura/noticia/2018/01/pais-da-caipirinha-brasil-exportou-mais-li-mao-e-cachaca-em-2017.html>. Acesso em: 20 nov. 2020

PRINCE, A.; SMOLENSKY, P. *Optimality Theory: constraints and interaction in Generative Grammar*. Boulder: University of Colorado: Rutgers University, 1993.

SANDMNANN, A. J. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto, 1989.

SIMÕES, S. *Breve história da caipirinha*. 2002. Disponível em: <http://budapestupiniqum.blogspot.com/2008/09/caipirinha.html?m=0>. Acesso em: 29 ago. 2022.

SIMÕES NETO, N. A. O padrão  $[[x]n$  de Taubaté] $n$  no português brasileiro: um estudo sobre compostos sintagmáticos em perspectiva construcional. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 265-290, 2019.

TOMASZEWICZ, E. Novel words with final combining forms in English: a case for blends in word formation. *Poznań Studies in Contemporary Linguistics*, Poznan, v. 44, n. 3, p. 363-378, 2008.